

CRÔNICA DO PODER NA ANTIGUIDADE

Um túmulo bastará a quem o mundo não bastou.

Alexandre Magno

Alaor Chaves

Como uma sociedade complexa pode se governar

Thomas Hobbes tinha razão, um governo central é imprescindível em uma sociedade complexa. E qualquer sociedade maior do que uma comunidade em que todos se conhecem face a face é complexa o suficiente para precisar de um governo para funcionar. Sociedades nessa escala surgiram no início da revolução agrícola ou mesmo antes. É muito pouco provável que governo, uma instituição inteiramente alheia à história humana prévia, tenha derivado de um contrato social voluntário de pessoas, como Hobbes teorizou. É mais verossímil que o primeiro Leviatã tenha sido um líder, ou uma coalisão de líderes, que subjugou os membros de uma comunidade que havia crescido em demasia em algum sítio onde os alimentos eram muito fartos. Quem sabe, esse líder fora escolhido pela comunidade na luta contra a invasão de grupos vizinhos cobiçosos do lugar hospitaleiro e acabou se impondo como chefe permanente, pois as invasões eram uma ameaça incessante. Nasceram assim as chefaturas, isso é o que muitos estudiosos pensam. Como o nepotismo é um poderoso instinto humano, os chefes fizeram o possível para assegurar a hereditariedade da sua posição de poder. Uma ou outra chefatura logrou conquistar tribos vizinhas e ampliar-se, em área e em número de pessoas subjugadas. Controlar tamanha área e tanta gente requeria formas aprimoradas de governo. Nasceram assim os reinos, cujo funcionamento levou à escravidão e a um exército sob o mando do rei. Para manter o exército e a família real, o rei impôs taxaço em espécie aos seus subjugados.

Há cerca de cinco milênios, atingiu-se organização política em uma escala ainda mais elevada, a dos impérios. Os impérios egípcio e sumério foram os primeiros a surgir. Culturas e etnias distintas, com populações totais na casa do milhão ou mais de pessoas, foram organizadas sob o domínio de um único soberano. Estima-se que o Império Aquemênida, ou Primeiro Império Persa, por volta de 480 a.C. tenha congregado 49 milhões de pessoas, 44% da população mundial na época. Os monarcas dos reinos e impérios tinham poder absoluto, de vida ou morte, sobre seus súditos. Eram reverenciados como divin-

dades e, pelo menos na China Imperial, um súdito ou visitante estrangeiro poderia ser decapitado por falhar em fazer a reverência correta.

Dinastias e sucessão de dinastias

A sucessão dos monarcas era, como ainda hoje, hereditária. O monarca apontava algum dos seus filhos como sucessor, e para garantir que houvesse algum herdeiro física e mentalmente apto era importante que ele tivesse muitos filhos. Ocorria, às vezes, de o monarca morrer precocemente, sem ter escolhido seu sucessor e assim tornar a herança mais simples, embora nunca livre de tumultos. Na maioria desses casos, assumia o trono aquele que matasse, encarcerasse ou exilasse todos os outros postulantes. Irmãos, irmãs, tios e sobrinhos eram os alvos frequentes.

Assim se sucediam os reis. Enquanto funcionasse a sucessão no trono em uma linha de parentesco, tinha-se uma dinastia. Mas um dia a tradição fatalmente fracassava, e uma nova dinastia era iniciada, em um processo ainda mais tumultuado e violento. A China, país com história monárquica de quatro milênios, teve 559 imperadores pertencentes a 83 dinastias documentadas.

Organização das monarquias

Na China, a forma de organização do poder variou muito consideravelmente com o tempo. O país é por isso ótimo modelo para a análise de diferentes maneiras de organização de governos monárquicos.

A China foi uma civilização que se desenvolveu na bacia oriental do rio Amarelo bem antes de se tornar um país com dimensão próxima da atual. Sua história de reis lendários é muito antiga, e a primeira dinastia da qual há registros arqueológicos foi a Xia, que teria governado de 2070 a 1766 a.C. A primeira dinastia de reis hereditários da qual há registros seguros foi a Shang, que perdurou de 1766 a 1122 a. C., e no seu ápice dominou área de 1,25 milhões de quilômetros quadrados na bacia do médio e baixo rio Amarelo. O monarca governava por meio de alianças com clãs aristocráticos com relações de parentesco, por sangue ou casamento, com a família real. Os clãs forneciam homens armados para o monarca em conflitos com tribos internas ao reino ou de sua vizinhança, e seus patriarcas lutavam em carros puxados por cavalos.

Mas essas forças não foram capazes de controlar todo o domínio. No seu centro-oeste, desenvolveu-se um clã mais forte, o dos Zhou, que não se submetia aos Shang, e finalmente foi capaz de vencê-los em 1122 a.C., criando uma nova dinastia. Para legitimar seu poder, criou a mitologia do Mandato do Céu. O monarca Zhou era Filho do Céu, e assim permaneceria enquanto reinasse de forma justa. Se caísse na injustiça ou luxúria, perderia a graça do Céu, o reino sofreria calamidades até outro monarca ser ungido. Essa mitologia do rei semidivino, que justificava a monarquia dinástica e também a troca de dinastias, se perpetuou por toda a história da China monárquica.

Para controlar todo o reino, os Zhou criaram um sistema que alguns historiadores classificam como feudal, mas suas distinções do sistema feudal na Europa medieval são muito importantes. Os “feudos” eram muito grandes e administrados por governadores nomeados pelo monarca. Em geral eles eram militares ou conselheiros próximos ao rei, de sua confiança. Mas essas posições administrativas acabaram tornando-se hereditárias, com as consequências previsíveis. Os feudos, que na verdade eram províncias, transformaram-se em estados vassalos com grande autonomia administrativa. Não eram reinos vassalos apenas porque a ideia de rei supunha – segundo o mito do mandato do céu – algum tipo de semidivindade do governante. Após 771 a.C. o monarca Zhou passou a ser uma figura um tanto figurativa, sem maior autoridade efetiva. A partir de 475 a.C. mais de uma dezena de estados vassalos declararam sua inteira autonomia e começaram a guerrear entre si pela hegemonia. Iniciou-se assim o período dos Estados Combatentes.

Como país, a China teve início em 221 a.C., quando Ying Zheng, governador do estado Qin, venceu todos os seus competidores e declarou-se o grande monarca. Deu-se o nome de Qin Shi Huangdi, que significa Primeiro Imperador de Qin – que se pronuncia Chin, o que deu origem ao nome do país.

Qin aboliu o sistema “feudal”. As províncias foram redivididas em 36 unidades menores, cada uma governada por dois civis supervisionados por um militar. Para não depender do apoio de milícias provincianas, Qin criou o serviço militar obrigatório, com o que formou um grande exército. Iniciou grandes obras empregando o trabalho forçado de camponeses apossados por forças militares. Dentre essas obras incluiu-se a interligação de muralhas construídas pelos estados combatentes em uma muralha maior e mais fortificada, para se proteger contra incursões de tribos bárbaras do norte e do oeste. Um enorme número de escravos morreu nessa construção. As cifras, não confiáveis, chegam a várias centenas de milhares de mortes.

Como Qin praticava métodos cruéis e arbitrários que contrariavam os preceitos filosóficos desenvolvidos na China desde o século VI a. C., ordenou que queimassem todos os livros clássicos. Estudiosos acorreram ao palácio para falar da importância desses livros, e Qin os enterrou vivos. A história fala em 460 sábios assassinados, mas essa cifra quase certamente é exagerada.

O governo brutal de Qin levou a muitas sublevações, o que tornou o imperador paranoico com o perigo de ser assassinado. Qualquer suspeito de conspiração era executado. Tornou-se também obsessivo com a ideia da própria imortalidade, e enviou missões a locais longínquos, onde existiria um lendário elixir da imortalidade. Sua morte talvez tenha sido causada por uma poção que lhe trouxeram, que continha excesso de mercúrio. Antes de se envolver no projeto de immortalizar-se, mandou construir para si um túmulo absurdamente luxuoso, protegido pelo hoje famoso exército de terracota.

A história de Qin passou por revisionismos que o retrataram como o grande líder que unificou a China. Sua falha teria sido a tolerância com reacionários defensores do feudalismo e de privilégios aristocráticos. Esse retrato,

com maquiagens distintas, foi pintado tanto pelo Kuomintang quanto pelo governo comunista que o venceu e sucedeu.

A China, desde os Shang, teve 83 dinastias, 559 imperadores e uma imperadora. Morte por assassinato foi o destino de cerca de metade dos imperadores.

O império Aquemênida

O Império Aquemênida, ou Primeiro Império Persa, foi criado por Ciro II, mais conhecido como Ciro, o Grande. De antiga ascendência real, Ciro subiu ao trono de um reino persa quando seu pai Cambises morreu em 559 a.C. Seu reino era tributário do Império Medo, que Ciro teve de dominar antes de conquistar um enorme império que se estendia por todo o Oriente Médio, até toda a margem oriental do mar Mediterrâneo.

Ciro era dotado de habilidades militares e políticas excepcionais. Não cometia massacres após suas vitórias militares, e para controlar um império com enorme diversidade de etnias e culturas adotou posição de respeito e tolerância aos costumes e religiões dos povos conquistados. Ao conquistar Babilônia, a cidade mais importante da antiguidade, cumpriu rituais reverenciais à cultura babilônica e ofereceu sacrifícios a Marduk, o grande deus da cidade. Fez um pronunciamento com afirmação de princípios políticos e morais, que fez gravar no chamado cilindro de Ciro, hoje exposto no Museu Britânico. Libertou os judeus, que eram cativos da Babilônia, e permitiu que eles voltassem à Palestina. Na Bíblia, é citado quatro vezes, em uma delas como ungido por Deus.

Para administrar seu império, Ciro dividiu-o em vinte satrapias (províncias), com arranjos para evitar corrupção e autonomia excessiva do sátrapa. O general comandante do exército da satrapia era independente do sátrapa e respondia diretamente ao xá. Uma rede de espiões – os olhos do xá – fornecia informações sobre a vida de cada satrapia e a coleta dos impostos, feita por funcionários do sátrapa. Satrapias maiores eram administrativamente divididas em unidades menores, para maior diluição do poder. Mesmo com essas medidas, as rebeliões provinciais eram frequentes.

Ciro e seus herdeiros adotaram várias capitais simultâneas para o império, com funções administrativas e cerimoniais diferentes: Susa, Persépolis, Passárgada, Babilônia e Ecbátana. Dario I, o terceiro xá Aquemênida, construiu a Estrada Real da Pérsia para facilitar a comunicação interna do império. Ia de Sardes, próxima ao Helesponto, a Susa, no Irã, e tinha 2.700 km. Segundo Heródoto, podia ser percorrida em apenas sete dias pelo correio real, cujos cavalos e cavaleiros eram trocados em hospedarias às suas margens. A estrada só podia ser usada pelos cavaleiros do rei, e violação dessa ordem era punida com a morte.

Alexandre Magno

Alexandre III, conhecido com Alexandre Magno, ou Alexandre, o Grande, foi o maior conquistador da história. Filho de Felipe II, rei da Macedônia, que havia formado um exército poderoso e muito disciplinado. Alexandre nasceu em 356 a.C., em Pella (Macedônia) e morreu em 323 a.C., com 32 anos, em Babilônia. Dos 13 aos 16 anos, teve como tutor Aristóteles, que lhe ensinou filosofia, retórica, ciência, geografia e artes, e lhe inculcou ideias preconceituosas sobre os persas, que Alexandre acabou renegando por completo. Com seu pai, aprendeu prática política e guerra. Aos 16 anos, já comandava grandes unidades do exército.

Aos vinte anos sucedeu Felipe II, assassinado por um membro da sua guarda, como rei da Macedônia. Ganhou o trono após proclamação dos generais de Felipe. A morte do seu temido pai encorajou rebeliões e ameaças de reinos vizinhos, céticos sobre a capacidade do novo rei. Alexandre sufocou rebeliões nas Balcãs e na Tessália (norte da Grécia), que pertenciam ao reino da Macedônia, e venceu o ameaçador reino da Trácia, ao nordeste.

Os quase trinta anos da guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta, haviam levado a Grécia a um período de decadência e desunião. Felipe II aproveitara a situação para obter controle militar da Grécia e impor-se como *hegemon* (líder supremo) da Liga Helênica, ou Liga de Corinto – que não incluía Esparta – formada em torno do projeto de invadir o império persa e vingar-se da segunda invasão à Grécia, em 480 a. C.

Alexandre desceu à península grega e dominou facilmente as cidades acima do Peloponeso. Tebas, que ofereceu forte resistência, foi inteiramente aniquilada e deixou de existir como cidade. Alexandre recompôs a Liga Helênica e, como antes fizera seu pai, impôs-se como *hegemon*. Talvez por influência de Aristóteles, tinha grande admiração pela cultura grega. Por isso, seu projeto extrapolava o da Liga Helênica para tornar-se um projeto de helenização do Oriente Médio, Egito e Ásia Central.

Em 334 a.C., Alexandre cruzou o Helesponto com um exército de cerca de 37 mil homens (infantaria com c. de 32 mil e cavalaria com c. de 5 mil) e fincou sua espada no solo asiático, anunciando em gesto que tinha vindo para conquistá-lo. Seu grande adversário era o Império Aquemênida, então reinado por Dario III.

Cabe descrever algumas características do cenário. Do lado asiático do Helesponto ficava a Anatólia, ou Ásia Menor, uma cabeça entre o mar Egeu e o mar Negro que projeta a Ásia rumo à Europa. A Anatólia era dividida em três satrapias. No sudeste próximo, às margens do Egeu, ficava a Jônia, berço da filosofia e ciência grega, com cidades célebres como Mileto, Samos e Éfeso, e muitas ilhas costeiras. Na época a Jônia estava sob domínio persa. Os persas tinham muitos mercenários gregos a seu serviço, e os da Anatólia eram comandados pelo eminente Mênnon de Rodes. Também na infantaria de Alexandre havia 18 mil mercenários gregos. Na primavera de 336 a.C., Felipe II

tinha enviado forças militares à Anatólia com o propósito de estabelecer uma frente avançada para a programada invasão. Essas forças tinham conseguido até mesmo libertar cidades da Jônia, mas foram forçadas a recuar. Uma parte fixou-se no lado asiático do Helesponto, com o que podiam proteger os macedônios em uma eventual transposição do estreito.

Alexandre foi até as ruínas de Troia e rendeu homenagens a Aquiles; uma das suas ambições era superar o lendário guerreiro grego. Trazia consigo a *Íliada*, que lhe fora presenteada por Aristóteles, da qual nunca se separou. A travessia do Helesponto, que requereu vaivém de mais de cem barcos trirremes, não poderia ter passado despercebida, embora não facilmente evitada, mas Dario não se alarmou com ela. Alexandre ainda não era Alexandre.

Os três sátrapas da Anatólia tiveram um encontro para discutir a situação. Optaram por defender suas cidades, não por bloquear a marcha de Alexandre. Mênnon de Rodes propôs uma estratégia de terra arrasada: destruíssem tudo à frente de Alexandre, o que o impossibilitaria de seguir adiante por falta de suprimentos. Mas Dario ordenou que os três sátrapas juntassem os seus exércitos, e junto com os experientes mercenários gregos comandados por Mênnon parassem a marcha invasora. Essas forças plantaram-se em espera no banco oriental do rio Grânico, onde Alexandre teve a primeira das três grandes batalhas contra as forças persas.

Alexandre, avisado pelos seus batedores da presença dos persas, tinha deixado para trás sua infantaria de mercenários gregos, que compunha metade de suas tropas. Parmênio, seu vice-comandante e mais respeitado general, aconselhou prudência, mas a audácia morava na alma de Alexandre. Observou que os persas tinham descido todas as tropas para o banco do rio, com o que reduziam sua enorme vantagem numérica. Instruiu e comandou o ataque, que foi fulminante. Em confronto com dois notáveis das forças persas, Alexandre foi derrubado. Matou um deles, mas o outro o teria matado com sua cimitarra se não tivesse o braço decepado pela espada de Clito, general de Alexandre. Essa foi a primeira vez que Alexandre quase morreu em batalha.

Constatando que a derrota era inevitável, a cavalaria persa fugiu, deixando para trás a infantaria, que foi aniquilada. Os macedônios perderam pouco mais de cem homens, os persas perderam de cinco a seis mil. Dois mil mercenários gregos foram enviados à Grécia para trabalhar como escravos nas minas, mas Mênnon havia escapado. De qualquer modo, a advertência aos mercenários gregos a serviço dos persas foi dada.

Alexandre desceu para a Jônia e a libertou. Prosseguiu ao longo da costa, tomando os portos persas sem dificuldade. Tiro, no atual Líbano, era o porto mais importante do Mediterrâneo, habitado por fenícios, os melhores marinheiros da antiguidade. Tinha uma parte no continente e outra ilha, murada e fortificada. Por seis meses, a ilha resistiu ao cerco e assaltos de Alexandre, que finalmente venceu as fortificações. Ele matou todos os homens e vendeu as mulheres e crianças como escravas. Eram 40 mil pessoas. Repovoou o porto com novos fenícios.

O Egito, na época sob domínio persa, era importante por ser grande produtor de grãos e por ter o Nilo, com foz no Mediterrâneo, que teria de ser dominado junto com a Ásia. Conquistou-o após vencer a resistência altamente fortificada que protegia Gaza. Foi recebido como libertador e coroado Faraó. Desceu até o delta do Nilo, e na sua margem esquerda fundou a cidade de Alexandria, que ele idealizou como futura capital cultural de um mundo helenizado. Dali, entrou no deserto da Líbia rumo ao oráculo de Siuá, onde foi declarado filho de Zeus-Amon. Isso pode ter sido arranjado, pois sua mãe Olímpia afirmava que Alexandre foi gerado por Zeus, e convenceu o menino de sua origem divina. Desde Siuá, Alexandre passou a ser tratado como divindade, e assim foi considerado por mais de um milênio.

Alexandre confirmou em suas funções os sacerdotes egípcios, colocou um general e alguns oficiais macedônios no comando do exército local e voltou à Ásia, que ele conquistou após vencer Dario em duas enormes batalhas, a de Isso (novembro de 333 a.C.) e a de Gaugamela (dezembro de 331 a.C.). Nas duas, vendo-se vencido, Dario fugiu. Em Isso (na Síria) deixou para trás sua esposa, sua mãe e suas duas filhas. Alexandre acolheu as quatro mulheres e lhes concedeu tratamentos de rainhas e princesas. Após a derrota de Gaugamela (no Iraque), Dario fugiu junto com Besso, sátrapa de Bácia e Sogdiana (no Uzbequistão). Besso assassinou Dario e se proclamou xá da Pérsia com o nome Artaxerxes V. Dario foi encontrado ainda vivo por um soldado de Alexandre e enterrado com honras de rei.

Alexandre perseguiu Besso por meses, e finalmente o encontrou. Seus comandados, alarmados pela aproximação de Alexandre, o entregaram para se salvar. Alexandre cortou-lhe as orelhas e o nariz, como os persas faziam com os regicidas. Trouxe-o até Statira I, viúva de Dario, e perguntou-lhe que destino lhe dar. Besso foi crucificado no local onde Dario foi assassinado.

Alexandre casou-se com Statira I e Statira II, a filha mais velha de Dario e Statira I. Afirma-se que na estranha cerimônia matrimonial, dez mil macedônios do exército de Alexandre casaram com moças persas. Alexandre instruiu-os a educar os filhos nas culturas grega e persa. Aristóteles ficou desapontado, mais ainda ao saber que Alexandre adotou as vestes e os costumes cerimoniais dos reis persas. Alexandre casou-se também com Roxana, moça dos confins orientais do império, de beleza lendária, que lhe deu um filho.

Alexandre fixou moradia em Babilônia e partiu para novas campanhas. Consolidou o poder no Império Aquemênida e desceu o vale do Indo, conquistando todos os reinos indianos ocidentais, até o oceano Índico. Planejava dominar também o vale do Ganges, mas seus generais estavam exaustos, e atendendo seus pedidos Alexandre voltou para Babilônia. Aposentou os mais velhos, concedendo-lhes ouro bastante para que vivessem a velhice na Macedônia. Da sua parte, voltaria às conquistas.

Morreu de uma febre persistente, antes de completar 33 anos. Em doze anos de incessantes guerras, nunca perdeu uma batalha. Seu corpo era marcado por cicatrizes, pois sempre foi o vértice de frente da sua cavalaria, que

atacava em cunha. Não conhecia o medo, considerava-se o invencível filho de Zeus. Não se sabe o que causou a febre que o matou. Era jovem e ambicionava conquistar o mundo. Ao reconhecer que estava no leito de morte, teria comentado sucintamente: “Um túmulo bastará a quem o mundo não bastou”.

Com sua morte, iniciou-se uma guerra civil entre seus generais que desintegrou o império Aquemênida e deu início ao império Selêucida – nome originário de Seleuco, general de Alexandre que conseguiu reintegrar 3 milhões de quilômetros quadrados e 15 milhões de pessoas. Esse império teve cultura semi-helenizada.

Ptolomeu, general de Alexandre e sátrapa do Egito, iniciou a dinastia ptolomaica e o reino egípcio com capital em Alexandria, cuja célebre biblioteca foi por séculos o grande centro da cultura helênica. Cleópatra (69-30 a.C.), fluente em muitas línguas e adepta do pluriculturalismo idealizado por Alexandre, foi o último reinante ptolomaico. No seu tempo o Egito era reino cliente de Roma.

Aristóteles e Alexandre são apontados as duas pessoas mais influentes da antiguidade. Aristóteles influenciou todo o pensamento ocidental até pelo menos a Revolução Científica. Alexandre, que renegou preconceitos de Aristóteles, não via os asiáticos como povos bárbaros. Reconhecia seus feitos, sua cultura e sua capacidade de realizar grandes obras de infraestrutura. Ele admirava a filosofia, a matemática e a ciência gregas, e queria espalhá-las pelo mundo, mas acreditava com fervor na miscigenação de etnias e culturas. Nesse ponto, estava à frente de Aristóteles e mesmo do mundo político contemporâneo.

Império Romano

A história da origem de Roma é puramente lendária, mas há alguns registros da era monárquica. Em 753 a.C., a pequena cidade-estado no Lácio, região no centro da península italiana, teria se organizado como monarquia, assessorada e moderada por um senado composto de patrícios – classe aristocrática proprietária de terra – e a *curiata*, assembleia de trinta chefes de família do povo sem terra, que era a plebe e compunha a maior parte da população. A aristocracia por certo surgira pela diferenciação histórica em que uma pequena minoria acaba detendo toda a riqueza, que na antiguidade vinha da posse de terra. Mas a estratificação tornou-se hereditária, e só seria patrício quem nascesse patrício. Havia ainda os escravos, formados por prisioneiros de guerra com outras tribos, ou romanos incapazes de honrar suas dívidas. O escravo não era cidadão, era um bem que podia ser comercializado, e era desprovido de direitos. Assim em Roma, como de resto em todo o mundo antigo.

Em 509 a.C., o rei Tarquínio, o Soberbo, confiscou bens de famílias ilustres para financiar obras e foi destronado. Roma tornou-se então uma república, com poderes compartilhados segundo arranjos que nunca foram inteiramente estabelecidos na forma de leis. Ao final dos 482 anos de regime republi-

cano, Roma era o centro de um enorme domínio que cobria as penínsulas ibérica e italiana, as áreas da atual França, Bélgica países baixos e a Alemanha a oeste do Reno, toda a região do Mediterrâneo, incluindo as Balcãs, a Grécia, Egito e a costa norte da África. Roma era a capital do domínio e tinha inteiro poder sobre ele.

Administrativamente, Roma era uma república com estrutura organizacional complicada e mutável com o tempo. Não havia uma Constituição, os poderes e prerrogativas eram definidos por arranjos e leis *ad hoc* que resolviam temporariamente os conflitos entre as classes sociais e os grupos de influência e poder. A administração e a justiça, sem separação definida entre as duas, eram competência de magistrados eleitos por períodos curtos. As eleições e decisões sobre diversos aspectos da vida romana eram prerrogativa de três assembleias, ou tribunas: Tribuna da Plebe, Tribuna Militar e Tribuna Centuriata, que não tinha cem membros, mas 193, oriundos das diversas ordens.

A magistratura continha uma grande variedade de funções: cônsul, censor, pretor, edil... . O senado, composto de aristocratas de uma classe especial, a ordem senatorial, apontados pelos cônsules e sancionados pelos censores com mandato vitalício, tinha grande influência e podia baixar decretos, mas estes tinham às vezes caráter de conselhos, pois podiam ser ignorados pelos magistrados. Abaixo da ordem senatorial ficava a ordem equestre, classe aristocrática que se assemelhava a uma classe média alta.

A organização em classes de Roma, e também os direitos das classes, mudou muito ao longo do tempo. O longo Conflito das Ordens (500 – 287 a.C.) estabeleceu nova divisão da aristocracia, com a criação de três ordens: ordem senatorial, ordem equestre e ordem inferior. Crê-se que a ordem equestre tenha tido origem na cavalaria real. O monarca teria distribuído cavalos, e terras para mantê-los e produzir algum alimento, a homens escolhidos para serem seus cavaleiros. A ordem inferior tinha posses e direitos inferiores à ordem equestre. Os cargos mais altos da magistratura eram reservados a membros das ordens mais altas da aristocracia. A plebe, formada pelos despossuídos, não ocupava cargos públicos, mas tinha significativa influência na vida romana por meio da Tribuna da Plebe.

O maior poder executivo de Roma republicana ficava nas mãos de dois cônsules, eleitos pela Tribuna Centuriata com mandato de um ano. Cada cônsul tinha poder de veto sobre o outro, com isso só valiam suas decisões consensuais. Nas questões externas à vida da cidade de Roma, tinham poder de *imperium*: decidiam como distribuir as legiões nas províncias romanas e outras questões de guerra. Em situações de grave crise, os cônsules podiam, por solicitação do senado, apontar um *ditador*, por período de não mais que seis meses, com poder absoluto. Ao final de seus mandatos, os cônsules podiam ganhar, por tempo definido, o governo de uma província por nomeação do senado.

Com a expansão dos domínios de Roma e do comércio, a mobilidade social aumentou. A ordem equestre dedicou-se ao tráfico de escravos, muito

lucrativo, membros da plebe enriqueceram com o comércio, e a estratificação social hereditária tornou-se ultrapassada. Otaviano Augusto, o primeiro imperador de Roma, acabou adotando um critério puramente econômico para definição das classes. A ordem senatorial era reservada a homens com patrimônio – ou renda anual, segundo alguns – superior a um milhão de sestércios (moeda de prata com peso de 2,5 gramas); os que possuíam entre 400 mil e um milhão de sestércios pertenciam à ordem equestre; na ordem inferior ficavam os que tinham posses relevantes abaixo de 400 mil sestércios.

As guerras aumentaram o número de escravos, que alcançou uns 35% da população. O uso de escravos na exploração da terra gerou grande número de desempregados, que migraram para Roma ou outras cidades do domínio. Roma tornou-se uma cidade imensa, com pelo menos um milhão de pessoas, toda a plebe empilhada em prédios geminados usualmente de quatro andares, muito vulneráveis a incêndios. Para apaziguar essa massa, era distribuída às famílias uma ração de trigo suficiente para livrá-las da fome, e espalhadas pela cidade havia padarias em que elas podiam assar seu pão. Prática similar foi adotada em outras grandes cidades.

Mas as instituições republicanas não poderiam resistir ao crescimento do domínio romano. As guerras sucediam-se e os militares ganharam proeminência excessiva. A glória na guerra era o melhor caminho para se alcançar o poder em Roma. Seis homens foram protagonistas no declínio e queda da república: Caio Mário (157-86 a.C.), Lúcio Cornélio Sula (138-78 a.C.), Lúcio Cornélio Cina (?-84a.C.), Marco Licínio Crasso (114-53 a.C.), Pompeu Magno (106-48 a.C.) e Caio Júlio César (100-44 a.C.).

A política romana era dividida em duas fações, os *optimates*, que eram conservadores, e os *populares*, que eram progressistas.

Sula (ou Sila), dos *optimates*, foi um comandante militar de enorme sucesso. Defendia a supremacia do senado e se opunha às reformas defendidas por Mário, líder dos *populares*, que dariam mais poder à Tribuna da Plebe. Após vencer uma importante guerra na atual Argélia, em 106 a.C., Sula foi confrontado por Mário, que por meio de intrigas lhe tirou o comando das legiões africanas. Sula marchou contra a própria Roma – era a primeira vez que uma coisa dessas acontecia – e venceu Mário, que tentou defender a cidade com um exército de gladiadores. Sula reestabeleceu o *status quo*, deixou a cidade sob o controle de dois côsules de fações distintas e partiu para outra guerra.

Cina, que subiu na vida não se sabe como, associou-se a Mário, com quem deu um golpe de estado após entrarem em Roma com quatro legiões. Os *populares* assumiram por três anos (87-84 a.C.) inteiro controle de Roma, sob o mando de *Cina*. Seus anos de mando ficaram conhecidos como *Regnus Cinnamum*, ou *Cinnamum Tempus*, uma autocracia tirana em que as instituições republicanas deixaram de funcionar.

Sula, na época em campanha militar na Ásia, retornou a Roma e novamente invadiu a cidade com seu exército. Derrotou os populares, fez-se ditador em 82 a.C., restituiu as instituições republicanas e abandonou a vida pública.

Mário havia sido glorificado como “terceiro fundador de Roma” por suas vitórias militares sobre terríveis invasores vindos do norte e foi cônsul sete vezes, um disparado recorde. Era glorioso, mas vil. Durante a tirania de Cina, além de seus exércitos, Mário tinha a sua milícia de escravos, conhecida como *bardylae*, que assassinava todos os seus inimigos e todos os aliados de Sula. Ao completar a chacina, assassinou seus próprios milicianos, surpreendidos enquanto dormiam. Nos seus tempos de glória tinha feito importantes reformas no exército. Uma delas, pela qual a lealdade dos soldados passou a ser devida aos seus comandantes, não mais à república, foi imprudentemente aprovada pelo senado e teve consequências dramáticas. Essa absurda inversão de lealdade possibilitou que Sula invadisse Roma duas vezes, e que o próprio Mário, em conluio com Cina, a invadisse uma vez. A república tornou-se menor do que seus comandantes militares, o que foi o primeiro grande passo para a sua queda.

Júlio César foi a figura central na transformação de Roma em império. Em 59 a.C., fez uma aliança secreta com Pompeu e Crasso, que ficou conhecida como Primeiro Triunvirato. Na verdade, os três eram rivais e nenhum confiava no outro, mas a aliança trazia vantagens táticas aos três, que passaram a controlar a política romana e assim asseguravam os interesses de cada um deles.

Dotado de singular gênio militar e tendo recebido educação primorosa, Júlio César, no comando de quatro legiões, empreendeu as guerras da Gália. No período 58-52 a.C., conquistou toda uma área que ia do rio Reno ao Atlântico, da Gália Narbonense – província romana que se alongava do norte da Itália ao norte da Hispânia – ao canal da Mancha. Cerca de 600 mil quilômetros quadrados dominados por tribos guerreiras e ferozes, conhecedoras do seu traiçoeiro território e dispostas a morrer por ele. Júlio César lutou contra tropas até quatro ou cinco vezes mais numerosas que as suas e as venceu.

As campanhas de Júlio César na Gália foram narradas por ele próprio em um livro que foi leitura obrigatória para os estudantes de latim, pois César, além de bom orador, revelou-se ótimo escritor. Elas mostram de maneira única as qualidades do exército romano. Esse exército era inteiramente profissional e estruturado em legiões comandadas por generais, compostas por dez coortes comandadas por tribunos, por sua vez divididas em centúrias comandadas por centuriões. Era treinado não só na batalha, mas também na construção e na engenharia, que os romanos tanto cultivavam. Cada legionário pegava na pá, picareta e machado para cavar trincheiras, levantar paliçadas e construir pontes.

Vencidas as tribos e os horizontes, Júlio César permaneceu na Gália Narbonense, da qual era governador, urdindo seu destino. O senado, que o temia, ordenou que ele desfizesse as legiões e se apresentasse em Roma, mas ele ignorou a ordem. Em 49 a.C., Júlio César tomou sua decisão. À frente das legiões, cruzou o Rubicão, rio que separa o leste da Itália do corpo da Europa, e desceu até Roma, onde desfilou, afrontando a lei que proibia marcha

militar em Roma. Proclamou-se ditador e conseguiu que o senado o confirmasse como ditador vitalício no ano seguinte.

César só foi contestado pelo poderoso general Pompeu Magno, pois Crasso já tinha morrido. Pompeu deixou Roma e iniciou uma guerra civil contra César, que finalmente o venceu, embora com tropas duas vezes menos numerosas, em uma batalha final na Tessália, norte da Grécia, em 48 a.C.. Pompeu fugiu da área de batalha com disfarces civis, abandonando seus comandados. Alcançou o Egito, onde pretendia asilar-se, mas ao chegar foi assassinado por ordem de Ptolomeu XII. César chegou logo depois, tomando de assalto Alexandria, e soube que Pompeu estava morto. Vangloriou-se dizendo que Pompeu o teria vencido se fosse um bom comandante.

Em 44 a.C., Júlio César foi assassinado a punhaladas na Cúria de Pompeu (construída por Pompeu!) em uma conspiração de senadores liderados por Marco Júnio Bruto. Shakespeare recompôs a cena, e nela o indignado César exclama: "Até tu, Brutus?". Bruto, com apenas 21 anos, era um protegido de César. Segundo Plutarco, César apenas cobriu o rosto com a toga ao reconhecer Bruto entre os assassinos.

Os conspiradores do senado podem não ter representado a maioria, ou talvez essa tenha se retraído diante da comoção popular com a morte de César. O fato é que em 42 a.C. o senado deu a César o título *post mortem* de Júlio Divino, o que resultou na divinização dos futuros imperadores romanos.

A república havia se esgotado, restava ver o que a iria substituir. Caio Otaviano, sobrinho-neto e filho adotivo de César, formou com Marco Antônio e Marco Emílio Lépidio o Segundo Triunvirato, no qual cada um deles tentava impor-se como ditador. Otaviano e Antônio exilaram Lépidio em 33 a.C.. Antônio, após ser derrotado por Otaviano na Batalha de Alexandria, em 30 a.C., suicidou junto com Cleópatra, com quem tinha três filhos, embora fosse casado com Otávia, irmã de Otaviano.

Otaviano ganhou total poder ditatorial, mas recompôs de fachada a república e as funções do senado, da magistratura e das tribunas, para legitimar um poder que ele pretendia ainda maior. O senado deu-lhe em 16 de janeiro de 27 a.C. o título de Augusto, o que marcou a transformação da república em império. Ele próprio deu-se o nome Imperador César, filho do Divino (*Imperator Caesar divi filliu*). Os historiadores o tratam pelo nome de Augusto, ou César Augusto.

De 27 a.C. até sua queda em 476 d.C., o império romano teve 75 imperadores, mais alguns co-imperadores. Dos 75 imperadores, só 16 tiveram morte natural. Do restante, 30 foram assassinados, 12 morreram em batalha, 7 morreram em cativeiro, 4 suicidaram e 7 tiveram morte por causa incerta, possivelmente assassinato. Uma antiga anedota dizia que a maior diferença entre um gladiador e um imperador romano era que este tinha menor chance de ter morte natural.

Narcisismo, maquiavelismo, psicopatia e poder

Esta crônica é um desfile de poderosos que gravaram seu nome na história. Há nesse grupo alguns traços comuns de personalidade, hoje muito investigados, que podem ser detectados e medidos em sua severidade por psicólogos e psiquiatras. Quando existentes em grau muito severo, são malignos. Todos os personagens da nossa crônica foram narcisistas e maquiavélicos, e vários deles foram psicopatas.

Narcisismo, maquiavelismo e psicopatia formam o que se chama tríade obscura, ou sombria, da personalidade. Testes psicológicos e experimentos de psicologia mostram que esses desvios se sobrepõem fortemente. Um narcisista tem também traços de maquiavelismo, e às vezes também de psicopatia, mas um bom psicólogo o definirá principalmente como narcisista. Considerações semelhantes podem ser feitas sobre maquiavélicos e psicopatas. O que são narcisismo, maquiavelismo e psicopatia? No verbete “tríade obscura” da Wikipédia, lemos:

- O narcisismo é caracterizado por grandiosidade, orgulho, egoísmo e falta de empatia.
- O maquiavelismo é caracterizado pela manipulação e exploração dos outros, ausência de moralidade, insensibilidade e um nível mais alto de interesse próprio.
- A psicopatia é caracterizada por um comportamento antissocial, impulsividade, egoísmo, traços insensíveis e não emocionais, e falta de remorso.

Há um traço pessoal, apontado pelos psicólogos como uma das cinco grandes dimensões da personalidade, que é ausente nos narcisistas, maquiavélicos e psicopatas: agradabilidade, termo que em psicologia engloba simpatia, cooperatividade e atenciosidade.

Para um diagnóstico preciso do seu tipo de personalidade a pessoa tem de ser entrevistada por um especialista (psicólogo ou psiquiatra) ou submetida a testes de múltipla escolha nos quais ela elege uma dentre cinco opiniões sobre uma dada afirmação. Mas admite-se que podemos reconhecer o perfil da personalidade de uma pessoa a partir de seus atos e palavras, do mesmo jeito que entendemos os personagens Hamlet ou Macbeth pela leitura das peças teatrais que levam seus nomes. Não é difícil entender personagens do passado como Nero, Gengis Khan, e Napoleão, e bastante fácil entender outros do presente, como Trump, Bolsonaro e Putin. Mencionamos seis pessoas más porque elas são meio triviais. Nenhuma delas tem a complexidade de um Raskólnikov.

Qualquer traço de personalidade é um espectro. Todos nós temos traços de narcisismo, maquiavelismo e psicopatia. Os especialistas apontam uma pessoa como assim ou assado com base em suas pontuações em testes, e em alguns casos o diagnóstico pode ser algum transtorno severo de personalidade.

Merece atenção especial o Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN), pois para quem o tem o papel principal das pessoas que o cercam é servi-lo. Em grau extremo, o TPN é chamado narcisismo maligno, descrito pela primeira vez por Erich Fromm, que o apontou como a “quintessência do mal”. O narcisista maligno vê-se como acima de todos no horizonte de sua visão, e esse horizonte pode abranger uma comunidade, um povo, uma nação ou até mesmo a humanidade.

O narcisismo maligno é um hiperespaço que costuma cobrir o maquiavelismo e a psicopatia. Ele é toda a tríade! Gengis Khan e Hitler são talvez as grandes ilustrações históricas do narcisismo maligno.

A avaliação de pessoas do passado é mais difícil porque elas viveram em épocas em que os valores sociais eram outros. Não é justo avaliar uma pessoa que viveu em época em que os valores eram muito distintos dos atuais, pois toda pessoa, no comportamento e nas ideias, pertence ao seu tempo. Há ainda uma deficiência lastimável das informações disponíveis, o que leva a diferentes versões aceitas pelos historiadores. Em três biografias de Alexandre que li, há desacordos sobre fatos essenciais. Com essas advertências, seguirei adiante em avaliações amadoras e, o que é mais grave, petulantes de grandes expoentes históricos do poder.

Ciro, o Grande

Ciro era dotado de talento militar e político nem de longe visto em seus sucessores no Império Aquemênida. Mas seu narcisismo levou-o ao autoproclamado direito de dominar o mundo por ele conhecido. Não há registro de massacres que ele tenha cometido contra os vencidos. Ele era praticante da crucificação, uma pena capital atroz. Mas ela parece ter sido inventada exatamente pelos persas, que a banalizaram. Assim, o narcisismo é o transtorno de personalidade facilmente visível em Cyrus, e provavelmente ele tinha TPN. Uma leitura do Cilindro de Cyrus deixa isso mais evidente. Sobre si mesmo, ele diz no texto do cilindro: “Eu sou Cyrus, rei do mundo, grande rei, poderoso rei, rei da Babilônia, rei da Suméria e da Acádia, rei dos quatro cantos da Terra, filho de Cambises...”.

Alexandre Magno

Alexandre foi outro narcisista. Seu narcisismo é inegável, e segundo muitos teve origem nos mimos da sua mãe Olímpia, que lhe assegurava que ele era filho de Zeus. Uma característica universal do narcisista é a completa intolerância a críticas. O narcisista quer adulação e louvor, nunca crítica. Ele é também cruel com quem não se submete a ele. Alexandre matou Clíto, o general que salvara sua vida na batalha de Grânico, quando este o criticou, na frente de outros oficiais, pela adoção da prática persa da proskynese. Nela, toda pessoa, ao se apresentar perante o xá, ajoelha-se e toca o chão com a testa,

reconhecendo sua divindade. Esse tipo de reverência é um néctar para o ego de um narcisista. Calístenes, sobrinho de Aristóteles e historiador oficial de Alexandre, também caiu em desgraça após criticar a adoção de cerimoniais persas por Alexandre. Calístenes foi preso e depois morto, segundo alguns por crucificação.

Alexandre cometeu dois massacres, o de Tebas e o de Tiro, as únicas cidades que lhe ofereceram resistência. A resistência é um tipo de desafio que o narcisista não tolera. Em Tiro, afirma-se que ele crucificou dois mil dos sobreviventes, o que revela o quanto ele podia ser cruel com quem o desafiasse.

Com Dario, Alexandre foi compassivo e até mesmo respeitoso. Na campanha da Índia, ele enfrentou Poro, um poderoso rei que lutava com bravura. Vencido Poro, que se rendeu, Alexandre confirmou-o no trono como rei vassalo. Por que não massacrar os vencidos, que tanto trabalho lhe deram? Não se sabe. Uma coisa é massacrar uma cidade dentro de muros, outra um reino com cidades e vilas, florestas, serpentes, tigres e pestilências. De qualquer modo, Alexandre seguiria adiante, e não iria querer deixar problemas às suas costas. Um rei vencido e perdoado provavelmente protegeria a sua retaguarda. Seu perdão pode ter sido maquiavélico.

A imprudente audácia de Alexandre pede explicação. Considerava-se invencível por ser divino? Dizem que sim. Após cercar uma cidade da Índia, Alexandre comandou um assalto por cima dos seus muros. Ele era sempre o primeiro, e sozinho saltou dentro da cidade, para enfrentar os açoos do inimigo. Seus soldados o salvaram exangue e já inconsciente. Essa falta de temor é uma das marcas do psicopata, talvez Alexandre fosse um deles. Mas outro fato contradiz essa hipótese. Depois de matar Clito, Alexandre passou semanas se embriagando, roído pelo remorso, e um traço distintivo do psicopata é a completa ausência de remorso. Esse remorso talvez o isente da acusação de narcisismo maligno, que inclui a psicopatia. Pode ter tido apenas TPN. Alexandre não foi tão trivial.

Qin e outros imperadores chineses

O maquiavelismo, como doutrina, é a arte de conquistar e manter o poder. O termo provém de Nicolau Maquiavel, que viveu na Itália renascentista em que várias cidades estados lutavam entre si. A lição fundamental de Maquiavel é a manipulação do adversário a fim de que ele faça o que interessa a você, não a ele. Há quem dê o crédito da criação do maquiavelismo a Sun Tzu, chinês que viveu na época dos estados combatentes. Seu livro *A Arte da Guerra* é um clássico das estratégias de guerra. A maior ênfase do livro é a frieza, o autocontrole e a manipulação do inimigo para que ele faça o que mais interessa a você. Qin era maquiavélico, assim como os seus adversários, todos seguidores de Sun Tzu. Era mais hábil do que eles, pois os venceu.

Também o narcisismo é evidente no imperador Qin. A concepção de um túmulo tão ostensivo, protegido por um exército de terracotas, ilustra a grandio-

sidade com que ele se via. Não menos ilustrativa é sua pretensão de tornar-se imortal. Para completar a tríade sombria, Qin era também psicopata, pois revelava inteira desconsideração pelo destino dos outros, e a todos tratou com extrema crueldade.

O narcisismo foi uma característica talvez universal nos imperadores chineses, que se revelava tanto pelo absurdo luxo em que viviam como pela sua pretensa divindade. Mais ao final do império, os imperadores acabaram se enclausurando na Cidade Proibida, o maior palácio jamais concebido, ficando acessíveis apenas a uma elite muito restrita. Em graus variáveis, eles cobriram toda a tríade sombria.

Júlio César e os outros protagonistas do fim da república

Marco Crasso, nasceu de família rica que foi proscrita em 87 a.C. pelo cônsul Cina e teve, como usual, seus bens confiscados. Crasso fugiu para a Hispânia, onde formou um exército particular arregimentando ex-clientes de sua família. Extorquia dinheiro das cidades da Hispânia para sustentar seu exército e embolsar o que sobrasse. Quando Sula tornou-se cônsul, Crasso aliou-se a ele. Quando Sula finalmente tornou-se ditador, em 82 a.C., proscreeu vários senadores. Com o favorecimento de Sula, Crasso arrematou por preço irrisório os bens confiscados dos proscritos e tornou-se muito rico.

Os incêndios eram quase diários em Roma, desprovida de um regimento de bombeiros. Crasso, que então aumentava sua fortuna explorando o tráfego de escravos, viu nos incêndios uma boa oportunidade de negócios. Comprou 500 escravos treinados em construção e criou seu corpo de bombeiros. Ao primeiro alerta de um incêndio, Crasso corria ao local com seus bombeiros e oferecia ao proprietário uma migalha pela propriedade em chamas. Se o proprietário não aceitasse a oferta, voltava com seus bombeiros e aguardava outro incêndio. O que ele comprasse seria reconstruído por seus escravos. Com essa maneira de fazer negócios, ele acabou acumulando a maior fortuna da história romana. Na estimativa de Plutarco, ela valia 230 toneladas de ouro.

Em 71 a.C., Crasso conseguiu vencer a sublevação de escravos comandada por Espártaco. Os que se renderam foram trazidos acorrentados até Roma, e seis mil chegaram vivos. Crasso crucificou todos eles ao longo da Via Ápia.

Ao completar seu segundo mandato como cônsul, em 54 a.C., Crasso foi nomeado governador da Síria Romana, posição estratégica para seu plano de conquistar o rico Império Parta, que dominava grande parte do antigo Império Aquemênida ao leste do Eufrates e controlava a rota da seda, um fábrica de dinheiro. Conseguiu legiões romanas, contratou tropas auxiliares locais e invadiu o império. Foi vencido em poucos meses. Segundo o historiador Cássio Dio, foi morto de forma atroz pelos partas. Para saciar a ganância do invasor, despejaram ouro derretido em sua boca. Parece difícil não reconhecer que Marco Crasso fosse um narcisista maligno.

Pompeu foi um comandante de enorme e precoce sucesso em seguidas campanhas, e depois ao longo da vida. Em 82 a.C., com 24 anos conquistou, a Sicília, grande fonte de grãos para Roma. Executou o vencido Cneu Papírio Carbão e seus comandados, com o que ganhou a alcunha de açougueiro adolescente. No ano seguinte, venceu na África Cneu Domício Enobarbo e o rei nômida Hiabas, o que consolidava o domínio da Sicília e a segurança alimentar da plebe, o que lhe angariou enorme popularidade nessa classe. Passou a ser chamado Pompeu Magno. Conseguiu eleger-se cônsul três vezes, em 70 a.C., 55 a.C., e 50 a.C.

Em 59 a.C., selou com Crasso e Júlio César a aliança do triunvirato. Durante esse arranjo, apaixonou-se por Júlia, filha de Júlio César, e casou-se com ela. Em 54 a.C., Júlia morreu junto com o filho no trabalho de parto, o que encerrou os laços entre Pompeu e Júlio César.

Não há sinais claros de que Pompeu tenha tido algum distúrbio de personalidade em grau severo, além foi maquiavelismo demonstrado pelo pacto do triunvirato. Foi cruel ao executar Carbão e seus comandados. Mas em 71 a.C., ao retornar de uma guerra na *Hispania*, Pompeu encontrou forças de Espártaco que haviam escapado na guerra contra Marco Crasso. Venceu-os, rendeu cinco mil deles, trouxe-os até Roma e não os puniu – acabou sendo reconhecido como o verdadeiro vencedor da guerra contra os escravos, o que enfureceu Crasso. Um psicólogo talvez apontasse sua atitude compassiva em relação aos escravos como forte evidência de que não era psicopata.

Júlio César era muito ambicioso. Em uma viagem à Hispania, viu uma estátua de Alexandre Magno e descobriu que na sua idade ele já tinha conquistado um império. Alguém registrou esse episódio, indicação de que ele teve impacto emocional no jovem Júlio.

Tirando atos cruéis banalizados na época, nada aponta para transtornos psicopáticos em Júlio César. Sem dúvida foi um narcisista severo, que desde jovem cultivou a ambição de ser imperador de Roma, e um maquiavélico capaz de fazer alianças táticas com rivais, como o triunvirato.

Mário e Cina são perturbados óbvios. Mário, deslumbrado com o enorme título de fundador de Roma, decidiu tornar-se maior do que a cidade e pediu para si lealdade das suas tropas acima da lealdade à república. Criou sua milícia de escravos, e após usá-la para chacina a trucidou. Cina foi um oportunista maquiavélico que se aliou a Mário para se tornar tirano de Roma. Sula parece ter sido apenas narcisista.

Tiranos do século dezenove

Dean A. Haycock, neurobiologista e escritor científico, publicou em 2019 o livro *Tyranical Minds: psychological profiling, narcissism and dictatorship*, no qual faz seu diagnóstico dos transtornos de personalidade de Hitler, Stalin, Mao Tsé-Tung, Saddam Hussein, Muamar Kadafi, e Idi Amin. Foram todos narcisistas malignos, a terrível combinação da tríade sombria. A sustentação dos seus

diagnósticos é baseada em ações e pronunciamentos documentados desses personagens.

Haycock descreve também a paranoia que parece desenvolver-se invariavelmente nos tiranos. Para conquistar e assegurar o poder, eles eliminam todos os seus adversários. Têm plena consciência de quantos inimigos eles criam nesse processo, e passam a temer vingança de parentes e aliados. Projetam também sua perversidade nos outros, e passam a ver todos como potenciais conspiradores. O resultado é um círculo vicioso de paranoia em que a mania aumenta, pois essa é a única maneira que eles veem de se proteger.

Haycock também descreve alguns traços do tirano que de fato são visíveis em todos eles. Muito documentada é sua obsessão por paradas de seguidores e militares. Segundo Haycock, essas paradas são uma cerimônia em que tirano e seguidores se reverenciam mutuamente. O grande narcisista não consegue viver sem reverências, e seus seguidores se extasiam ao se verem solenemente observados pelo grande líder. O médico pessoal de Mao afirmou que ele ficava muito excitado desde semanas antes de uma parada, e após ela o clímax de excitação o deixava prostrado por dias. As imagens de Hitler assistindo a um desfile transmitem uma sensação de êxtase. Stalin promoveu desfiles militares em número insuperável. No Iraque de Saddam, no Irã dos aiatolás, na Coreia de Kim Jong-un, também os vemos com frequência e grande solenidade. Talvez frequentes paradas solenes sejam, por si só, atestados públicos de tirania.

Do narcisismo exacerbado nasce uma visão messiânica, a de ter um papel único e grandioso a cumprir, que justifica qualquer meio empregado para cumpri-lo. Esse papel comumente é a salvação do povo, e seus adversários são inimigos do povo, como Stalin falou a vida inteira. Hitler era mais específico, falava nos inimigos do povo alemão. Mao era específico de outra maneira, falava nos inimigos de classe do povo.

E esses transtornos de personalidade, que origem têm? Os psicólogos dizem que eles se desenvolvem em decorrência de experiências na infância e adolescência em pessoas com os genes ‘certos’.

Pessoas narcisistas e maquiavélicas são encontradas com frequência muito maior nos mundos político e empresarial do que no restante da população. Elas são naturalmente atraídas por essas áreas e nelas têm chance diferenciada de sucesso. O psicopata tem um grande charme superficial que lhe confere carisma e lhe granjeia a confiança dos outros.

Tudo isso tem enorme implicação na forma como devemos regular as empresas e construir nossos modelos de política e governo.